

**Remexendo nas gavetas do indizível ou
"como se cada palavra fosse um balde de pedras que a língua
[transporta] boca acima"**

Prof. Ms. Alessandra Magalhãesⁱ

Resumo:

O projeto de escrita na obra de Lobo Antunes apresenta-se como uma tentativa de resgate dos sentidos, dos sentimentos, da memória, ainda que este resgate se dê através da interrogação do mundo. No romance Exortação aos crocodilos, as personagens testemunham os acontecimentos do pós-25 de Abril. Na narrativa, focaliza-se um acontecimento específico: o caso Camarate. O autor trabalha sobre este material, que ainda é uma interrogação, escrevendo um romance nas fendas da História, no qual quatro vozes femininas narram suas experiências. Ao mesmo tempo em que estão relatando a própria vida e construindo a sua memória, as quatro mulheres refazem o percurso da História e constroem uma memória coletiva. A palavra aparece, portanto, como construção de uma nova "realidade", que só pode ser testemunhada, ou seja, a qual só se pode dar fé, a partir da ficção.

Palavras-chave: António Lobo Antunes, Exortação aos crocodilos, narrativa contemporânea

Remix Século XX

Armar um tabuleiro de palavras-souvenirs.

Apanhe e leve algumas palavras como souvenirs.

Faça você mesmo seu micro tabuleiro enquanto jogo lingüístico.

Babilaque, pop, chinfra, tropicália, parangolé, beatnick, vietcong, bolchevique, technicolor, biquíni, pagode, axé, mambo, rádio, cibernética.

Celular, automóvel, buceta, favela, lisérgico, maconha, ninfeta, megafone, microfone, clone, sonar, sputinik, dada, Sagarana, estéreo, subdesenvolvimento, existencialismo, fórmica, arroba, antivírus, motosserra, mega-sena.

Cubofuturismo, biopirataria, dodecafônico, polifônico, naviloca, polivox.

(Wally Salomão)

Aceitando o jogo do saudoso poeta baiano Wally Salomão, para quem "a memória é uma ilha de edição", montemos nosso próprio tabuleiro:

1980; Camarate; memória; história; sonho; voar; corpo; arquivo; segredo; secreto; sagrado; guerra santa; rato Mickey; embaixador americano; infância; repetição; Mimi; ausência; minha avó; silêncio; lembrança; morte; Fátima; impossibilidade; surdez; público; privado; experiência; bispo; sintoma; jardineiro; testemunho; rede; 25 de abril; bomba; avião do primeiro-ministro; indizível; Celina; fragmentos; cacos; minhas primas; peixes; ruínas; revolução; cicatrizes; acidente; aquário; atentado; Simone; aldebarã; fórmula da coca-cola; mulher do meu sócio; literatura; palavra; poder.

As palavras-souvenirs aqui reunidas representam, de maneira lacunar e fragmentada, a nossa leitura do romance *Exortação aos crocodilos*, de António Lobo Antunes. Contudo, mesmo este extenso tabuleiro mnemônico, inspirado na provocação do poeta, não dá conta da complexidade de assuntos que envolvem a narrativa.

Para dar sentido a nossa leitura, então, é necessário que façamos uma visita ao ainda vizinho século passado a fim de entendermos a arte produzida na contemporaneidade. No século XX, a sociedade industrial moderna percorreu, em tempo recorde, com o trem movido a carvão, o bonde elétrico, o trem bala, um século. Foi o suficiente para que a máquina quase ganhasse vida e o homem “quase” virasse máquina. O trabalho tornou-se mecanizado e automatizado. As mudanças incessantes e velozes aconteceram mais rapidamente do que antes.

A velocidade das mudanças que começaram a acontecer na sociedade transformaram de maneira radical o cotidiano das pessoas. As incertezas geradas a partir disso contribuíram para que o sujeito, antes certo de seu lugar, acabasse por “desmoronar” diante da desestruturação dos alicerces sociais até então conhecidos.

A sociedade pós-industrial, por sua vez, é mobilizada pelo consumo e pela informação. Hoje, em pleno século XXI, nos comunicamos em rede, sabemos sobre genomas, defendemos as pesquisas com células-tronco. Sabemos que para viajar de “jangada leva-se uma eternidade”, de “saveiro leva-se uma encarnação” e de “avião o tempo de uma saudade”. No entanto, podemos dispensar todos estes meios se quisermos viajar em milésimos de segundo para qualquer lugar, bastando apenas um clique.

Resta-nos perguntar, então: como a arte se comporta neste hiper-tempo? Como a literatura vai narrar as novas perspectivas deste humano demasiado virtual?

O tão debatido pós-modernismo pode ser entendido, na opinião de Linda Hutcheon, como “um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte os próprios conceitos” (HUTCHEON, 1991. p. 16), além de ser “deliberadamente histórico e inevitavelmente político”, (HUTCHEON, 1991. p. 20). Logo, a arte produzida neste tempo é representativa destas contradições e da impossibilidade de uma apreensão totalizante.

Portanto, o nosso objetivo neste trabalho é refletir sobre o projeto de escrita de António Lobo Antunes, a partir de uma leitura que se pretende a montagem, pouco a pouco, de um quebra-cabeças composto por estilhaços de uma narrativa fragmentada em múltiplas vozes. *Polivox*. Ao longo deste percurso, estaremos, claro, acompanhadas por vozes outras, que também já analisaram a obra do escritor português.

O romance aqui estudado, *Exortação aos crocodilos* (ANTUNES, 2001), publicado em 1999, é representativo do projeto de escrita de um autor que interroga a literatura, a história, os sujeitos. Segundo Janaína de Souza Silva,

A literatura [portuguesa], de alguma forma, sempre se configurou como uma maneira de pensar o país e suas ditas nuances históricas, políticas e sociais. Na esteira dessas reflexões, os romances de António Lobo Antunes parecem surgir como uma proposta literária que têm como prerrogativa primeira avaliar o Portugal contemporâneo, principalmente o Portugal pós-25 de abril. A inovação dos romances desse autor parece estar no modo como se propõem a fazer esta avaliação – pensar Portugal através do seu avesso, das suas inconfessadas sinuosidades, escapando da simplicidade da denúncia seca e objetiva e chegando à avaliação desconfortável de relatos subjetivos, notadamente marcados pelo peso da História (SILVA, 2006, p.102).

Maria Lúcia Lepecki, escrevendo em 1984, acompanha a trajetória do romance português nos últimos trinta anos e entrevê uma busca pela história e pela historicidade nas obras de ficcionistas como Abelaira, Virgílio Ferreira, Cardoso Pires, Augustina Bessa Luís, entre tantos outros. Para ela, romances surgidos neste período assumem um “discurso que *finge a veracidade*, que ficciona formas de historicidade” (LEPECKI, 1984, p. 13). Neste sentido, muitos dos romances de Lobo Antunes são tributários deste discurso no qual ficção e história estão conectadas. Contudo, não entendemos tanto o discurso dos seus romances como um fingir, no sentido pessoano do termo,

a verdade, mas como um fazer da ficção um espaço legítimo de testemunho e de construção da história.

Este viés interpretativo da obra de Lobo Antunes ganha força na fala de Eduardo Lourenço, que o considera o autor que veio preencher um espaço na cena literária portuguesa, pois se estava precisando de um escritor cuja literatura “desse conta do nosso presente e não fosse fantasmática quer em termos de passado, quer em termos de qualquer utopia futura”. (LOURENÇO, 2003, p. 350). Nas palavras de Nuno Júdice, a obra antuniana permite reconhecer a História recente do país, “onde não cabem só os grandes protagonistas, mas sobretudo os que vivem, sofrem, e são esmagados pelo peso das transformações de que, muitas vezes, só apercebemos os grandes momentos” (JÚDICE, 2003, p. 314). Em outro artigo, no qual Nuno Júdice felicita o autor por ter ganho o último prêmio D. Dinis do século XX, justamente com *Exortação aos crocodilos*, o poeta e ensaísta fala deste romance como um livro de exceção, porque a experiência da sua leitura nos traz a “obrigação da memória” (JÚDICE, 2000, p. 7), não de uma maneira didática, mas prazerosa, por ser bastante poética. É importante notar que na nossa leitura, privilegiaremos este aspecto da obra de Lobo Antunes, o que não exclui, evidentemente, tantos outros aspectos que também se sobressaem.

A dimensão histórica e a política da literatura pós-moderna estão presentes em toda a obra do escritor, porém o que nos chama atenção é que em sua literatura não há apenas uma revisão de fatos. Nela, tenta-se abrir caminho para a construção de uma sólida democracia portuguesa, interrogando-se o passado e refletindo-se sobre o presente, talvez para que no futuro não se cometam os mesmos enganos.

Apenas para exemplificar o que dissemos, podemos citar, além do livro sobre o qual nos debruçamos neste trabalho, os romances *As Naus* (1988) e *O Esplendor de Portugal* (1997), ambos já objetos de nossos estudos em outras ocasiões.

No primeiro, temos a narrativa como retomada de um passado que se inscreve num presente. O passado como referente é incorporado e modificado, recebendo um novo sentido. Não interessa apenas a imitação ou um simples revivencialismo, tudo deve ser questionado, estabelecendo-se um diálogo entre o novo e o velho. O antigo não é destruído, mas trazido numa nova perspectiva para o presente. Tendo como ponto de partida histórias que convergem à História de Portugal, o livro narra a invenção uma ordem nacional, a partir do regresso dos portugueses à metrópole após a Revolução dos Cravos. Desta forma, coloca em relevo o final de uma empresa colonizadora que durou séculos e contribuiu para a definição da nação portuguesa.

No segundo, vimos a derrocada, a morte do império colonial português em África, tendo como exemplar o caso angolano. É a morte de uma pátria “imaginada”, que tinha no esplendor o seu emblema, e que passa a ter de lidar com as feridas abertas de uma guerra colonial. Portugal é lido pelo escritor através de uma Angola dilacerada em lutas pelo poder.

Já *Exortação aos crocodilos* é perpassado por um acontecimento específico: o caso Camarate. 4 de dezembro de 1980: o avião do Primeiro-Ministro português explodiu no ar, morrendo o próprio Francisco Sá Carneiro, a sua mulher, Snu Abcassis, o chefe de gabinete António Patrício Gouveia e o ministro da Defesa Adelino Amaro da Costa, assim como os dois pilotos do aparelho. Acidente ou atentado? Apesar das investigações, o episódio até hoje não foi totalmente esclarecido. A anedota que contam é de que neste mesmo voo o Primeiro-Ministro receberia informações do ministro da Defesa que comprometeriam muita gente que estava no poder. Ficaria confirmado, através de um dossiê, que o dinheiro do Fundo de Ultramar estava sendo usado pelo capital americano e envolvido com o tráfico de drogas. O autor trabalhou sobre este material, que ainda é uma interrogação, escrevendo um romance nas fendas da História.

Vejamos como se dá a narrativa do acontecimento a partir da perspectiva de uma das personagens:

o avião do ministro num telhado em Camarate, os empregados do aeroporto a aguardarem o furgão nos fundos, pessoas nas janelas do bairro pasmando para as asas, a fumaça, o que chamavam cadáveres e não passavam de manchas escuras, pedras, tijolos, fragmentos que se unem até compor um homem, o Tejo acalmando-se para a lua juntar na água os pedaços dispersos, o meu marido do interior da claridade de fósforo dos lençóis (ANTUNES, 2001, p. 10)

O marido dela estava envolvido no atentado contra o avião de Sá Carneiro e, no seu relato, o acontecimento se mistura à sua vida conjugal. A História (con)funde-se com as histórias de quatro mulheres que relatam suas experiências, mas sem a perspectiva de um relato objetivo e direto. Aquilo que vivenciam e vivenciaram torna-se “o ponto em que acabamos por sair das grandes avenidas e entrar em pequenas ruas, ou até em becos” (JÚDICE, 2003, p. 314). A sua narrativa é, portanto, a daqueles que tiveram as suas vidas afetadas, transformadas pelos acontecimentos históricos, mas não são os grandes protagonistas. Nas palavras de Nuno Júdice, o livro “consegue apresentar-nos o lado humano de personagens que, em princípio, nos seriam repulsivos” (JÚDICE, 2000, p. 7).

Todas elas estão indiretamente ligadas ao caso Camarate, pois se relacionam com homens que participam de uma organização de direita que pretende desestabilizar a democracia em Portugal, uma rede que seria uma tentativa de contra-revolução. É importante lembrar que, depois do 25 de Abril, a situação política portuguesa era bastante conturbada e que a consolidação da democracia não ocorreu de uma hora para a outra (Cf. MAXWELL, 1999).

Dos acontecimentos, as mulheres são cúmplices silenciosas, mas a sua “fala” emerge na narrativa e elas expõem seus pensamentos, suas inquietações e suas angústias, só que de forma totalmente fragmentada.

Nas palavras de Maria Alzira Seixo, são

quatro mulheres, mais ou menos, comparsas de bombistas em actividade no período a seguir ao 25 de Abril (que participam em atentados contra sedes de partidos, personalidades de esquerda e, nomeadamente, a queda do avião em Camarate), monologam ou dão conta dos seus pensamentos, situações, actividades, desejos, medos, recordações de infância e fantasias. (SEIXO, 2002, p. 617)

Mimi, Fátima, Celina e Simone alternam-se umas às outras capítulo após capítulo, “sem excluir a intromissão da perspectiva das outras ou de diferentes personagens” (SEIXO, 2002, p. 617). Isto quer dizer que, em um mesmo capítulo no qual se tem o ponto de vista de uma personagem, podemos “ouvir” também a “voz” de uma das outras ou até mesmo de outro personagem. Já no primeiro capítulo isto ocorre, podemos observar, por exemplo, a “fala” do marido de Mimi marcada em *itálico* no texto:

não entendeu nada por amor de Deus, não entendeu absolutamente nada, não se tratava da esposa do meu sócio, que estupidez, nem sonhar, não se tratava de vingança, tratava-se de salvar o País das esquerdas, do que essas mesmas esquerdas teimavam em apelidar de colônias, matando milhares de portugueses na África e desapossando até da própria roupa os que por acaso não mataram, de recuperar a Pátria a partir da fronteira da Espanha, Franco conosco, a Guarda Civil conosco, a Guarda Republicana conosco, o Norte conosco, a Igreja conosco metade do exército, que apesar de tudo ainda havia exército conosco (ANTUNES, 2001, p. 11)

Mimi é a esposa de um dos principais articuladores do grupo terrorista de direita, como se pode observar no relato acima. Surda, ela vive entre as lembranças da sua infância e uma conflituosa relação com o marido. Fátima é a afilhada do bispo, com quem mantém um relacionamento erótico, que é o braço católico da organização. Nos seus delírios, parece que os objetos tomam vida e a “perseguem”, o que a atormenta em demasia. Celina é casada com o sócio

do marido de Mimi e mantém com este um caso extra-conjugal. Para ela, o seu marido, que também é morto em um dos atentados, roubou-lhe algo que nunca poderá ser devolvido: a sua infância. Ela estava sempre em busca de alguma coisa que ocupasse esse lugar da infância que ficou vazio. Simone é a personagem mais pobre, vive na garagem da casa de Mimi com o namorado que é o motorista da família, mas também é aquele que fabrica as bombas. É no seu relato que o caso Camarate aparece mais constantemente. As quatro mulheres, portanto, estão ligadas entre si.

A narrativa se constrói a partir do testemunho da experiência destas personagens, transitando num tempo diluído: passado e presente estão completamente dilacerados nos seus relatos. Conforme nos recorda Marilena Chauí, “lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição” (CHAUÍ, 1994, p. 20). Ao mesmo tempo em que estão relatando a sua própria vida e reconstruindo a sua memória, as quatro mulheres vão refazendo o percurso da História. A palavra aparece, portanto, como construção de uma nova “realidade”, que é testemunhada a partir da ficção.

Tomemos como exemplo Mimi, a personagem surda, cuja lembrança marcante da avó reaparece na linha tênue entre o sonho e a consciência. É desta mesma avó, que lhe segredara a fórmula da coca-cola, que na experiência limite da morte, ouve-se dizer “Não contes a ninguém” (ANTUNES, 2001, p. 8). Nos devaneios da velha, a neta viria a enriquecer e casar-se com um conde, por causa deste segredo. Contudo, não foi o que aconteceu, Mimi tem uma vida empobrecida pelas suas experiências afetivas. A ordem da avó, no momento da morte, é proferida “como se cada palavra fosse um balde de pedras que a língua transportava boca acima” (ANTUNES, 2001, p. 8). No plano da narrativa, poderíamos investigar o que realmente Mimi não deveria contar a ninguém. Talvez sobre as ações terroristas do seu marido que participava de um grupo “contra-revolucionário” de direita? Talvez sobre a sua própria vida? Poder-se-ia, no entanto, afirmar que, apesar de assombrada pela lembrança da avó, Mimi consegue testemunhar sobre aquilo que estava acontecendo ao seu redor e com ela mesma, contrariando as ordens da progenitora.

Segundo Márcio Seligmann-Silva, “aquele que testemunha se relaciona de um modo excepcional com a linguagem: ele desfaz os lacres da linguagem que tentavam encobrir o 'indizível' que a sustenta” (SELIGMANN-SILVA, 1999, p.40). Neste sentido, Mimi, bem como as outras três personagens do romance, estão remexendo nas gavetas do indizível, isto é, trazendo à luz, através da linguagem, as experiências traumáticas que viveram. Faz-se necessário, neste momento, esclarecermos que estamos deslocando os ensinamentos de Seligmann-Silva sobre a literatura de testemunho para o campo do discurso ficcional no caso do romance analisado. O que consideramos válido e pertinente devido a nossa interpretação. Vale ressaltar aqui a opinião de Eduardo Lourenço, quando diz que a ficção de Lobo Antunes “vai realizar a verdadeira psicanálise, mas desta vez não mítica, de Portugal, mas psicanálise visceral, profunda, daquilo que nós somos ou daquilo que nós imaginamos realmente ser.” (LOURENÇO, 2003, p. 352).

Segundo Jacques Derrida, na Grécia Antiga,

Aos cidadãos que detinham e assim denotavam o poder político reconhecia-se o direito de fazer ou de representar a lei. Levada em conta sua autoridade publicamente reconhecida, era em seu lar, nesse *lugar* que era a casa deles (casa particular, casa de família ou casa funcional) que se depositavam então os documentos oficiais. Os *arcontes* foram os seus primeiros guardiões. Não eram responsáveis apenas pela segurança física do depósito e do suporte. Cabiam-lhes também o direito e a competência hermenêuticos. Tinham o poder de *interpretar* os arquivos. (DERRIDA, 2001, p. 12. Grifos do autor)

Já não vivemos mais neste tempo, já há órgãos especializados em guardar e investigar os documentos oficiais, mas não resistimos em fazer uma aproximação desta afirmativa com o lugar da ficção de Lobo Antunes. Podemos dizer que como o arconte grego, António Lobo Antunes marca seu livro como uma morada para os “arquivos”, ainda que não oficiais, do caso Camarate. Os

“arquivos” neste caso não são os documentos oficiais do caso, não é o discurso instituído que pretendia afastar a tensão do terrorismo, mas a representação de uma voz coletiva que se levantou contra esta “versão” oficial dos fatos. Então, ele deixa a cargo das vozes femininas que falam no seu romance uma interpretação para o que aconteceu.

Como afirma Stuart Hall (2000, p. 51-52), a nação não se limita a uma entidade política. É, sobretudo, um “sistema de representação cultural” no qual as pessoas participam de uma “idéia” de nação. A cultura nacional é um modo de construir sentidos, que estão contidos nas histórias contadas sobre a nação, memórias que conectam o presente ao passado e imagens com as quais os indivíduos se identificam e, assim, são construídas as identidades nacionais. Portanto, a “narrativa da nação” é constituída por histórias, por literaturas nacionais, pela mídia, pela cultura popular, que representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos que dão sentido à nação.

No nosso entendimento, o que este romance, *Exortação aos crocodilos*, e a própria ficção de Lobo Antunes representam para Portugal é a reflexão e, possivelmente, a revisão da sua idéia de nação.

Referências Bibliográficas:

- ANTUNES, António Lobo. *Exortação aos crocodilos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. “Os trabalhos da memória”. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994. p. 17-33
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JÚDICE, Nuno. “Os mapas do humano em António Lobo Antunes”. In: CABRAL, Eunice; JORGE, Carlos J. F.; ZURBACH, Christine (orgs.). *A escrita e o mundo em António Lobo Antunes: Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora*. Lisboa: Dom Quixote, 2003. p. 313-319.
- _____. “Um livro de excepção”. In: *Jornal de Letras, Artes e Idéias de Lisboa*. Ano XX. N.º 783. 4 de outubro de 2000. p. 7
- LEPECKI, Maria Lúcia. “O romance português contemporâneo na busca da história e da historicidade.” In: *Le Roman Portugais Contemporain*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1984. p. 13-21
- LOURENÇO, Eduardo. “Divagação em torno de Lobo Antunes”. In: CABRAL, Eunice & JORGE, Carlos J. F. & ZURBACH, Christine (orgs.). *A escrita e o mundo em António Lobo Antunes: Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora*. Lisboa: Dom Quixote, 2003. p. 347-355.
- MAXWELL, Kenneth. *A construção da democracia em Portugal*. Lisboa: Presença, 1999.
- SEIXO, Maria Alzira. “Exortação aos crocodilos”. In: *Os romances de António Lobo Antunes*. Lisboa: Dom Quixote, 2002. p. 617-623
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. “A literatura do trauma”. *CULT - Revista Brasileira de Literatura*. São Paulo: Lemos Editorial, nº. 23, junho 1999, p. 40-47.
- SILVA, Janaína de Souza. “Exortação à Escrita: país, povo e memória em um romance de Lobo Antunes.” In: *Escritura e Sociedade: o intelectual em questão*. PRETARLE, Patrícia;

XI Congresso Internacional da ABRALIC
Tessituras, Interações, Convergências

13 a 17 de julho de 2008
USP – São Paulo, Brasil

SANTURBANO, Andréa; CAIRO, Luiz Roberto Velloso; MARGATO, Izabel (orgs.). Assis: FCL-Assis-UNESP-Publicações, 2006. p. 99-113

Autor

ⁱ **Alessandra MAGALHÃES, Prof. Ms.**
alessandrademagalhaes@yahoo.com.br